



Salvante!

ORGÃO CENTRAL DO PARTIDO COMUNISTA PORTUGUÊS

Perante a onda de revolta do povo, Salazar arranca a máscara!

A GREVE NOS LANIFICIOS

O governo de Salazar, que fez a mascarada das eleições de Novembro para inglês ver e continua a querer fazer-se passar no estrangeiro como «um governo democrático» — confirma a cada passo o seu carácter fascista terrorista. Salazar pretende fazer sobreviver o fascismo português de tipo hitleriano num mundo onde a democracia é edificada sobre a derrota de Hitler. A repressão brutal da greve da Covilhã, Tortozendo, Gouveia, Carvalhos e outras localidades, mostra uma vez mais o que o povo português pode esperar da camarilha fascista que detém o poder.

A fome e a miséria consequência do salazarismo

O governo de Salazar, condenando o povo à fome, mostra todo o frenesim da sua política, mostra a sua incapacidade para resolver os problemas nacionais. De há muitos anos, Salazar fala em «produzir e poupar» e, no dia 3 de Abril, veio repeti-lo no apelo feito para agradar aos trabalhadores ingleses. Mas o governo fascista chama poupar, os ricos gastarem à grande e o povo trabalhador viver uma miséria como nunca. Enquanto a produzir, o fascismo não tomou nem toma as medidas que se impõem. Mandou para a Alemanha e Espanha, e continua a mandar para esta, os géneros que o povo precisa. Apesar de que o ministro da Economia afirmou em 22 de Abril que «estão cultivadas todas as terras possíveis de aproveitamento», a verdade é que o governo permite que os grandes senhores da terra continuem com milhares e milhares de hectares de terra inculta enquanto os camponeses passam meses desempregados e não têm um boado onde deitar uma semente. E, pela acção dos Grémios e outros organismos corporativos, ameaça de destruição muitas sementeiras pela má distribuição dos adubos. O governo foi incapaz de resolver os problemas nacionais e é por isso que agora condena o povo à fome e à miséria pela violência das suas reclamações. A repressão da greve na Serra da Estrela põe a nu toda a política fascista e mostra que, para não marcharmos para a completa ruína, para a miséria geral, para a guerra civil, urge substituir o governo de Salazar por um governo que resolva os problemas nacionais.

O governo proibiu o aumento

Havia longos meses que os operários da Covilhã, por intermédio do seu Sindicato, solicitavam um aumento de salários. Durante 6 meses, o governo fez promessas, disse mentiras, mas nada resolveu. O aumento era tão justo, que muitos industriais se mostravam dispostos a concedê-lo. Mas o governo pretende impedir que os industriais aumentem os salários para lhes poder saquear as receitas, a pretexto dum imposto

é reprimida com uma violência brutal

sobre «lucros de guerra» e outros... Numa assembleia geral do Sindicato dos Lanificios da Covilhã, um delegado do governo comunicou que **o governo não consentia o aumento.**

A greve na Covilhã seguida em Tortozendo e Gouveia

Em face desta posição do governo, os trabalhadores declararam imediatamente ao delegado do governo que iriam para a greve até que o aumento fosse concedido. No dia 3 de Abril, os heróicos operários e operárias da Covilhã, que, continuando as suas belas tradições de luta, havia 3 meses tinham levado a cabo uma greve parcialmente vitoriosa, declararam-se novamente em greve. No dia 5, seguiram-se os de Gouveia e da aldeia de Carvalhos. A greve alastrou a toda a região, abrangendo cerca de 10.000 operários.

O governo responde com uma repressão brutal

O governo de Salazar fez tudo sobre os operários de lanificios da Serra da Estrela todo o peso da sua máquina repressiva. Forças da Polícia de Castelo Branco, Portalegre e Santarém, e gangsters da PVDE, foram destacados para a região. Foram feitas prisões em massa, encerrados os Sindicatos, demitidas as Direcções, abolidas a Caixa de Abono de Família e a Caixa de Previdência. Os géneros do racionamento foram cortados, e proibido, com ameaças de represálias, qualquer auxílio aos grevistas e suas famílias. Prosseguiu na prática terrorista adoptada pelo nazi Botelho Moniz na greve de 8 e 9 de Maio de 1944, o governo mandou encerrar as fábricas até ao dia 2 de Maio. Pelo terror e pela fome, o governo procura fazer render os valentes operários de lanificios da Serra da Estrela. E, sobre o movimento e sobre a repressão, o governo profere qualquer publicidade.

O governo procura sustentar a nova onda de lutas

Nos anos de 1943 e 1944 foram as grandes lutas do povo trabalhador, e em especial, as grandes greves, que fizeram recuar o fascismo na sua política de fome. Agora, respondendo à nova ofensiva de fome do governo de Salazar, ao corte no racionamento de pão, às requisições, às proibições de aumentos, o povo português de novo se está levantando, de norte a sul de Portugal. Nas fábricas e oficinas, nas herdades e nos campos, nos Sindicatos Nacionais e nas Casas do Povo, multiplicam-se as lutas. Os mineiros de S. Pedro da Cova, Monte Aventureiro e Rio Tinto obrigam pela greve o governo a dar uma satisfação. Os camponeses do Alentejo exigem pão e géneros.

Por toda a parte, as valentes filhas do nosso povo fazem concentrações, marchas de fome, protestos. A resistência contra a política de fome do governo, junta-se a resistência contra a política de terror. Os trabalhadores e democratas portugueses continuam defendendo a legalidade do MUD, protestam contra as demissões e a proibição das eleições sindicais, exigem a extinção do Tarrafal. O governo de Salazar não quer ceder às aspirações do povo português. Como dizia o manifesto do Secretariado do Partido em que apelava para o «auxílio aos grevistas», «o governo de Salazar intervém a ferro e fogo contra os operários da Serra da Estrela, porque quer zuzter a todo o preço a nova onda de lutas do povo português».

A nossa tarefa: intensificar e qualificar as lutas

Para fazer recuar o fascismo na sua política de fome e de terror, a nossa tarefa é intensificar mais e mais as lutas pelo pão e pelos géneros, e continue formando em toda a parte Comissões de Unidade, e multiplicar as concentrações nos Sindicatos Nacionais, Casas do Povo e Casas dos Pescadores, as reclamações às autoridades, é promover marchas de fome e manifestações, é desencadear, sempre que possível, greves e pequenas paralisações.

Mas isso não basta. A greve dos operários de lanificios da Serra da Estrela mostra a necessidade urgente de unificar os movimentos das classes trabalhadoras e do povo em geral. Mostra a necessidade de, em face de cada movimento grevista numa empresa ou num local, mobilizar a ajuda moral e material imediata de outros locais de trabalho, de outras empresas e de outras localidades, e ainda de todas as camadas da população. Igualmente interessadas na luta contra a política fascista. Mostra a necessidade de, ao mesmo tempo que se devem multiplicar as lutas em cada empresa e em cada local, ser feito um sério esforço no sentido de unificar as lutas por indústria, por localidade, por região, ou mesmo a escala nacional. Mostra a necessidade de intensificar mais e mais as lutas pelas liberdades democráticas, contra a repressão e arbitrariedades fascistas.

É necessário que todo o povo trabalhador toda a nação, sinta as mais pequenas lutas contra a fome e o terror fascista como as suas próprias lutas, que as divulgue, que as anime, que as auxilie. É na luta que ganha força o grande Movimento de Unidade Nacional que há-de levar o fascismo salazarista à tumba. É na luta que o povo aprende que não basta alcançar esta ou aquela concessão do fascismo, mas que é o próprio regime que necessita de ser varrido do país, porque o governo salazarista é o maior obstáculo à prosperidade e ao bem-estar do povo português.

MAIS COMISSÕES DE UNIDADE MAIS COMISSÕES PERMANENTES

«As Comissões de Unidade revelaram-se como os melhores organismos de Unidade do povo português, como verdadeiros organismos de Unidade Nacional das classes trabalhadoras». Nalguns casos, as Comissões de Unidade, com o reconhecimento dos patrões, converteram-se em organismos permanentes representando e defendendo os trabalhadores. O exemplo das Construções Navais de Lisboa deve ser seguido em toda a parte.

Em todos os locais de trabalho, onde ainda não existem, os trabalhadores devem eleger as suas **Comissões de Unidade** e esforçar-se para que se tornem **Comissões Permanentes**, comissões essas que, em constante ligação com as massas, discutindo com estas as reclamações e dando-lhes a todo o momento conta da sua actividade, apoiadas por concentrações junto do patronato ou do sindicato, ou ainda por pequenas paralisações de trabalho, se devem tornar os organismos vivos de direcção dos milhares de lutas reivindicativas que se multiplicam, da luta das classes trabalhadoras por uma vida mais desahogada e mais livre.

Na Fábrica Electro-Cerâmica de Gaia, os operários e operárias, num total de 1.500, exigiram aumento de salários.

Numa oficina, no Carraxo, os operários conseguiram um aumento de 24 para 30.500, depois de terem apresentado as suas reclamações ao patrão.

Na Fábrica Staf, Lisboa, depois de várias lutas dos operários, através da sua comissão, os patrões foram obrigados a conceder aumentos que vão de 1 a 6.500.

Na fábrica de Sabões, Lisboa, a comissão dos operários da empresa apresentou uma exposição sobre a situação da classe e exigiu a revisão dos salários.

Os operários vidreiros de Fonta, Aigueira da Beira, conseguiram aumento de salários, em virtude da luta que há tempos vêm sustentando através da sua comissão, junto do patronato e do sindicato. Contribuiu com grande parte para esta vitória a luta dos operários vidreiros da Madalena Grande. A direcção do sindicato foi a Fonta, lutar com os patrões para que estes aumentassem os operários, a exemplo do que se tinha feito na Marinha Grande.

Em Coimbra, uma comissão de operários manipuladores de pão exigiu, junto da comissão administrativa do sindicato um aumento de 5 a 6.500. Como não fosse atendida, mais de 80 operários reuniram-se no sindicato, onde, não só foi

exigido o aumento, como foi manifestada desconfiança pela comissão administrativa e a necessidade de ser feita uma direcção da contabilidade dos trabalhadores.

Na fábrica Heralp, Sacavém, os trabalhadores, através da sua comissão, lutaram contra o trabalho a turno e o abajamento dos salários, obrigando os patrões a satisfazer as suas reivindicações.

Na fábrica da Louça, Sacavém, também através duma comissão, a secção de acabamentos conseguiu a abolição do trabalho por empreitado e o aumento de salários para 32.500.

Na fábrica Carvalhinho, Gaia, os operários paralisaram o trabalho durante 30 minutos, enquanto a sua comissão se avistava com o patrão exigindo aumento de salários.

Na fábrica de mobílias Orlão, Sacavém, depois de alguns pedidos individuais, a empresa concedeu um aumento a uma parte dos operários. Posteriormente, uma comissão de pedreiros e empregados de escritório e outra de jovens, foram pedir aumento, mas não foram atendidas. Há que continuar a luta com a formação duma comissão de toda a empresa.

Na Sociedade Industrial de Gouveia, os operários tecelões lutaram pelo aquecimento da sua oficina, exigindo lenha cortada e posta na oficina, para acender fogareiros.

Para onde vai o «Abono de Família»

OS Grémios, Comissões Reguladoras, Federações, etc., o governo de Salazar entregam os fascistas, os eseroques, os falhados. O dinheiro que é sugado aos trabalhadores através dos milhares de descontos, vai para as algibeiras destes delectados fascistas, como o fascista Calçada, da Inabilidade. As roubalheiras e espoliações nos organismos corporativos são tantas e tão obscenas, que os jornais e o próprio governo são obrigados a falar delas. Assim, na Caixa de Abono de Família dos Empregados das Empresas de Automóveis distribuiu-se no mês de Janeiro um roubo de **217 contos** praticado pelo

chefe da Caixa, pelo presidente da Direcção e por um secretário. Numa Caixa de Abono de Família do distrito de Faro, um roubo de **30 contos** feito pelo delegado do INT, Dr. Meireles, presidente da Direcção da referida Caixa. Este fascista fez também um roubo de **8 contos** na Caixa da União dos Estudantes. Na Caixa de Abono de Família do Pessoal do Comércio por Grosso de Mercadoria, **500 contos**. Na Caixa de Abono de Família do Pessoal dos Armazéns de Vinhos e Azeites, **114 contos**.

Prova-se mais uma vez que o corporativismo representa a ruína do país, a exploração do povo trabalhador pelos fascistas.

CONTRA A FOME!

À nova ofensiva de fome, o povo trabalhador responde com mais lutas. Por toda a parte se multiplicam as lutas pelo pão e pelos géneros.

Em **Vila Real de Trás-os-Montes**, o povo juntou-se e dirigiu-se ao governador civil gritando: «Queremos pão! Temos fome! Abalxo os Grémios!» Pela pressão do povo, o governador civil deu ordem para as padarias manipularem pão no dia seguinte — um domingo em que as padarias não costumavam trabalhar. Na visita ministerial a esta cidade, o povo reuniu-se em frente da Câmara para mostrar a sua miséria e exigir pão. Recendo a chegada dos ministros, o governador civil mandou a polícia dispersar o povo e telefonou para a Régua para que os ministros esperassem algum tempo.

Em **Viana do Alentejo**, mais de 200 mulheres protestaram junto do presidente da Câmara contra o novo corte no racionamento do pão.

Em **Monforte** (Alto Alentejo), ao protesto das mulheres contra o racionamento do pão, os lucidos do fascismo responderam dando voz de prisão a algumas. **Todo o povo de Monforte** — homens, velhos e crianças — unido-se em massa, impediu a prisão das valentes mulheres.

Em **Évora**, ao contrário do que tinha prometido e dizia o edital do governador civil, o polícia de laurmagões Maia Mendes, foi feito um corte no racionamento do pão. Juntaram-se cerca de 150 mulheres em frente da esquadra da Polícia exigindo pão suficiente para poderem trabalhar.

Na **Golegã**, 200 mulheres concentraram-se à porta da Câmara Municipal enquanto uma comissão exigia ao presidente mais pão e azeite. Uma mulher foi deixada por protestar contra os empurrões dum guarda fascista, chamado Ribeiro. Então as companheiras recusaram ir-se embora, se aquela não fosse libertada. Depois, ameaçaram tocar o sino a rebate, e a companhia foi posta em liberdade. O presidente da Câmara prometeu atender a reclamação das valentes mulheres da Golegã que, entretanto, estão dispostas a continuar a luta.

No **Pombalinho**, mais de 100 camponesas foram, numa marcha da fome, à Casa do Povo e às casas do regedor e do presidente da Junta reclamar mais pão. Pela sua unidade e energia, as mulheres do Pombalinho conquistaram uma vitória para toda a classe camponesa, que já está a receber um suplemento de 120 gramas de pão.

GREVE CAMPONESA

Contra as jornadas de fome, os camponeses de Lobelhe, distrito de Vizeu, estiveram em greve durante alguns dias exigindo um salário não inferior a 20.000.

AINDA O 31 DE JANEIRO

Pela razão de terem chegado com atraso à Redacção do «Avante!» notícias de vários pontos do país sobre a grande jornada do 31 de Janeiro, não foram feitas referências a algumas importantes manifestações, entre as quais se destacou a da população democrática de **Coimbra**.

← **RÁDIO MOSCOVO** →
fala em português
às 23/15, onda 41 metros, para Portugal;
à 1 hora, onda 40/42 m., para o Brasil
davi Rádio Moscovo

O TARRAFAL CONTINUA SENDO O CAMPO DA MORTE LENTA

filhos do nosso povo: Os anti-fascistas que agora foram arrancados do Tarrafal, esses homens heróicos que aí estiveram anos e anos sem condenação ou depois de cumpridas as penas, homens como o Dr. Alberto de Araújo, Francisco Miguel, Júlio Fogaça, Gilberto de Oliveira, Manuel Rodrigues, Alpedrinha, Valdez, Militão, Russel e tantos outros, vêm, na sua maioria, e em a saúde arruinada pelos trabalhos forçados, mais batos, castigos, eliminação de morte. Trinta assassinos, dezenas de organismos arruinados, há e até hoje o balanço do **Sinistro Campo** do Tarrafal. O Tarrafal continua. Mais de **50 filhos do povo** aí continuam condenados à morte lenta. É preciso salvá-los.

EXIGI A EXTINÇÃO IMEDIATA DO TARRAFAL!

